

CARDOSO; Marcela Sabino ¹, CADORI; Gislaine ²

RESUMO

INTRODUÇÃO A esclerose múltipla (EM) é uma doença inflamatória crônica, mais prevalente na população jovem do sexo feminino, na qual ocorre a desmielinização da bainha de mielina, responsável por recobrir os axônios e permitir a condução dos impulsos nervosos. Pode se manifestar como EM progressiva primária (EMPP), EM progressiva secundária (EMSP), EM remitente-recorrente (EMRR) e EM recidivante progressiva (EMRP), podendo ou não apresentar períodos de doença ativa, intercalando com períodos inativos. Possui etiologia multifatorial, numa associação entre predisposição genética com desencadeantes ambientais, como tabagismo, obesidade, deficiência de vitamina D e infecção pelo Epstein-barr vírus (EBV). **OBJETIVO** Esse estudo buscou como objetivo compreender mais sobre os aspectos etiológicos e fisiopatológicos da esclerose múltipla, com o propósito de encontrar evidências que justifiquem uma interação causal entre essa doença e o vírus Epstein-barr, a fim de elucidar possíveis futuras formas de prevenção e tratamento dessa enfermidade. **MÉTODOS** Trata-se de uma revisão narrativa, referente a um tema da área de clínica médica, a qual foi elaborada com o propósito de abordar a influência da infecção pelo vírus Epstein-barr na etiopatogenia da esclerose múltipla. Para isto, foram utilizadas como plataforma de pesquisa as bases de dados bibliográficos PUBMED e LILACS, onde foram pesquisados os termos “multiple sclerosis and Epstein barr vírus”, “multiple sclerosis associated with epstein barr”, “multiple sclerosis pathophysiology” e “consequences of epstein barr virus infection”. Foram revisados os estudos mais relevantes dos últimos 5 anos e seus dados extraídos para a escrita do trabalho. **RESULTADOS** O Epstein-barr vírus é um DNA vírus, membro da família *Herpesviridae*, o qual infecta os linfócitos B humanos, podendo entrar em latência ou desenvolver diversas doenças. Na esclerose múltipla, muitas evidências fortalecem a hipótese de que esse vírus é o grande responsável por sua patogênese. Os diversos estudos analisados, comprovaram a presença do EBV nas lesões desmielinizantes e nas meninges da maioria dos portadores da EM. Além disso, há a presença de anticorpos específicos para EBV com maior prevalência em pacientes com EM, quando comparados com a população saudável. Entretanto, os mecanismos pelos quais esse vírus age desencadeando a doença, ainda precisam ser melhores elucidados. Acredita-se que o EBV interaja com o genoma do hospedeiro e através de suas propriedades infecciosas, antiapoptóticas e de evasão imune, juntamente com uma provável predisposição genética do indivíduo, desenvolva a doença. **CONCLUSÃO** Diante da análise de todos os estudos, pode-se constatar fortes evidências entre a associação da infecção pelo vírus Epstein-barr e o desenvolvimento da esclerose múltipla. Entretanto, há necessidade de maiores pesquisas a fim de analisar como o vírus age na patogênese dessa doença, com o propósito de instituir um tratamento viável para essa enfermidade. Ademais, a forte correlação entre o EBV e a EM, consolida a necessidade de esforços para a elaboração de uma vacina contra esse vírus, corroborando como uma futura medida preventiva para o surgimento da EM.

PALAVRAS-CHAVE: Consequências da infecção pelo Epstein barr vírus, Esclerose múltipla associada ao Epstein barr vírus, Esclerose múltipla e Epstein barr vírus, Fisiopatologia da esclerose múltipla

¹ Centro Universitário Ingá, marcelascardoso@hotmail.com

² Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz, gislainecadori@hotmail.com

